

Parentalidade Homoafetiva: Novas Possibilidades de ser Família

Isis Cristine Viana Pottker¹

Camilla Baldicera Biazus²

Resumo

A sociedade contemporânea vem sofrendo mudanças, e com elas a estrutura familiar também se reorganizou, abrindo novas possibilidades de convivência interpessoal. As escolhas amorosas também passaram por transformações e, nesse sentido, é natural que casais homoafetivos também busquem a satisfação de seus desejos familiares. Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa que busca compreender as percepções e motivações pessoais de indivíduos que vivem relacionamentos homoafetivos frente à homoparentalidade e ao desejo de adotar uma criança. Os dados coletados evidenciaram que esses sujeitos apresentam um desejo de constituir família que está relacionado também a aspectos de ordem sociocultural. Contudo, os sujeitos participantes mostram uma concepção de família que prioriza os laços afetivos. Com base nisso, conclui-se que a homoparentalidade é uma nova forma possível de ser família, mas que exige a atenção de uma rede multiprofissional a fim de auxiliar e potencializar esses sujeitos na construção de uma identidade parental.

Palavras-chave: Família; Adoção; Homoparentalidade.

Parenting Homosexual: News Possibilities to be Family

Abstract

Contemporary society has been changing, and with them the family structure was also reorganized, opening new possibilities for interpersonal interaction. The loving choices have also undergone changes and, accordingly, it is natural that homosexual couples also seek satisfaction of their desires family. This work is characterized as a qualitative research that seeks to understand the perceptions and personal motivations of individuals who live opposite the homoparenthood homosexual relationships and the desire to adopt a child. The data collected showed that these individuals have a desire for a family that is also related to the sociocultural aspects. However, the participating subjects show a design that prioritizes family bonding. On this basis, it is concluded that the homoparenthood is a new form can be family, but that requires the attention of a multidisciplinary network to assist and empower these individuals in the construction of parental identity.

Key-words: Family; Adoption; Homoparenthood.

1 Psicóloga, Pós-Graduada em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Faculdade Meridional – IMED, Passo Fundo – RS. E-mail: isispottker@hotmail.com

2 Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), docente do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. E-mail: camillabiazus@yahoo.com.br

A sociedade contemporânea vem sofrendo diversas mudanças com o decorrer do tempo, sendo campo de inúmeras transformações. Com isso, as questões acerca da sexualidade e do gênero estão sendo discutidas cada vez mais, visando um olhar singular e focado na subjetividade do sujeito.

Alvo de merecidas discussões, uma vez que se configura como uma das mais novas configurações familiares do cenário atual, a homoafetividade está ganhando espaço para ser observada como uma nova possibilidade de núcleo familiar. A homoparentalidade é um termo utilizado para nomear as relações de parentalidade exercidas por homens e mulheres homoafetivos. Entre as diferentes possibilidades de concretizar e exercer a homoparentalidade destaca-se aqui, a adoção como uma forma viável e legal de estabelecimento de relações parentais.

Visto que é direito fundamental de todo ser humano o convívio familiar, é primordial a análise e discussão do tema da homoparentalidade pela psicologia e pelas demais áreas da saúde, visando à qualidade de vida da sociedade e de seus indivíduos, priorizando as relações humanas e a singularidade nelas envolvidas. Frente a isto, a presente pesquisa tem como objetivo compreender as percepções e motivações pessoais de homens que vivem relacionamentos homoafetivos frente à homoparentalidade e ao desejo de adotar uma criança. Acredita-se que isso contribuirá não só para o campo da psicologia, mas também para outras áreas, no sentido de propiciar uma maior reflexão e debate acerca da adoção por homoafetivos, suas possibilidades e desafios, auxiliando também profissionais que ainda se percebem inseguros nas suas práticas diante das peculiaridades desta temática.

Para atingir os objetivos propostos, o esta pesquisa irá problematizar questões acerca do conceito de família e das suas transformações ao longo do tempo, levando em considerações reflexões sobre a homoparentalidade e a adoção no contexto da homoafetividade.

Considerações sobre a família

Desde os tempos mais antigos a família é compreendida como um grupo social que exerce significativa influência sobre os seus membros, seja na organização da personalidade ou no comportamento individual. É no contexto familiar que o sujeito aprende e ensaia as exigências necessárias para o convívio em sociedade, espaço com o qual mantém constante interação, podendo ser representada desta forma como o núcleo central da organização humana (Prata & Santos, 2007).

Na antiguidade, a família era vista a partir de uma concepção tradicional que, segundo Machado (2005), era diretamente relacionada à reprodução e referia-se à constituição de um grupo composto por pais, filhos e parentes próximos. Esta constituição encontrava-se marcada pelo patriarcalismo, isto é, pelo poder e autoridade do homem sobre a mulher e a prole. Contudo, este conceito com ideias rígidas direcionadas à família, necessitou de um olhar mais abrangente com o decorrer do tempo, pois de acordo com Souza & Ramires (2006), as mudanças econômicas e políticas ocorridas por meados do século XX, suscitaram novas formas de vivenciar a experiência familiar.

Frente a este contexto de transformações acerca do conceito de família, Dias (2007) destaca que é possível observar a construção de um espaço na sociedade que vem contemplando e discutindo novas formas de se pensar a vida familiar. Entre essas novas possibilidades de ser família na atualidade, o autor menciona aquelas compostas por apenas um dos pais, por solteiros, por novos parceiros encontrados depois da separação, por filhos agregados de outro casamento, e ainda por pares ou pessoas homoafetivas, o que vem sendo nomeado como homoparentalidade.

Diante deste cenário das diferentes configurações familiares surgidas nos últimos tempos, nenhuma é tão revolucionária, segundo Passos (2005), quanto a família homoparental. A homoparentalidade foi um termo criado em 1997, na França para designar famílias constituídas tanto por duas mães quanto por dois pais homossexuais (Sanches, 2009).

Contudo, Passos (2005), destaca que ainda hoje esta configuração familiar é vista com um olhar preconceituoso pelas diversas instituições sociais. Isto deve-se, em grande parte, a ideia de que casais homoafetivos não estariam aptos ao exercício da parentalidade pelo fato de se encontrarem distantes daqueles padrões relacionais hegemônicos característicos da família dita tradicional, que priorizava a diferença entre os sexos na determinação das respectivas funções aos membros de uma família. Diante destes novos arranjos familiares, torna-se necessária a seguinte indagação: em que consiste “ser pai” e “ser mãe”? De que forma são percebidas e exercidas as funções maternas e paternas?

Homoparentalidade: uma nova forma de ser família

A homoparentalidade vem para afirmar que apesar de todas as transformações ocorridas no interior da família, esta ainda representa um desejo e um ideal perseguido por todos. Contudo, neste contexto, a ideia de família e parentalidade, segundo Dias (2007), passa a ter relação direta com o afeto, visto que o mesmo passou a ser o elemento pelo qual se identifica uma entidade familiar.

Referindo-se a composição familiar de casais homoafetivos, Passos (2005) discorre que esta pode se dar através de diferentes maneiras, tais como: quando um casal traz para a relação um filho gerado por outra união; através de inseminação artificial no caso de mulheres, em que um doador oferta seu sêmen, ou ainda por meio de uma “mãe substituta”, que gera o sêmen de um dos parceiros, no caso de homens; e ainda existe a possibilidade de adoção feita pelo casal.

Outra questão que deve ser refletida aqui no que diz respeito ao exercício da parentalidade. Talvez essa seja a problemática mais discutida no que se refere à possibilidade de casais homoafetivos terem filhos. Contemplando estas ideias, Perroni & Costa (2008) enfatizam que independente da condição sexual, o que realmente merece atenção neste contexto das novas configurações familiares, são as funções que serão desenvolvidas, paterna e materna, e que estas podem ser desempenhadas por qualquer um dos parceiros, pois funções parentais não exigem o exercício da sexualidade. Fato que Souza (2008) esclarece ao mencionar que a criança é portadora de todas as condições para ser feliz e desenvolver-se de forma sadia

independentemente da orientação sexual dos pais, visto que o amor e o cuidado estão ligados ao investimento parental.

Com base no que foi exposto e discutido até aqui, é possível inferir que ser pai e ser mãe envolve uma pré-disposição que se encontra longe da ordem sexual, mas que é guiada por uma ordem do desejo, daquilo que constitui subjetivamente a vida humana. Neste estudo, será abordada a homoparentalidade através da adoção, visto que estes são impossibilitados pela genética de gerar filhos, e a partir disso podem-se pensar e discutir alguns aspectos implicados na adoção, visando compreender essa nova ordem familiar.

Considerações sobre a adoção homoafetiva

Visando solucionar a situação de crianças sem pais, Souza (2008) ressalta que a adoção é caracterizada como um ato consciente e livre de preconceitos, onde há uma doação incondicional e disponibilidade emocional e psicológica para com o outro. Além disso, compreende também uma atitude que requer responsabilidade e descoberta do significado de ser família, com o objetivo de ampliar a visão do comprometimento com o outro.

Assim, de acordo com a autora, pensar a homoparentalidade através da adoção exige ir além de uma discussão sobre a orientação sexual das figuras parentais, pois compreende um ato motivado por desejos conscientes e inconscientes que buscam sua realização. O sucesso dessa adoção dependerá do modo como a criança e os pais enfrentarão a realidade, os desafios, riscos e preconceitos que poderão ser lançados pela sociedade, que segue na tentativa de transformação. Ainda nesta perspectiva, Torres (2009) refere que a parentalidade, independente da opção sexual deve destinar-se a uma reflexão que contemple o interesse das crianças e adolescentes, objetivando dar-lhes um lar marcado pelo afeto e cuidado.

O caleidoscópio das relações familiares implica em alterações significativas na sociedade, na cultura e no próprio indivíduo, pois a flexibilidade encontrada na construção de novos papéis, maternos e paternos, possibilitam um olhar mais abrangente e totalizador na esfera dos relacionamentos. O dinamismo das estruturas familiares não descarta a criação de um vínculo afetivo que prioriza o apego, o cuidado e a doação emocional, o que permite vislumbrar novas formas de ser família, pois oportunizam não somente a experiência de novos arranjos familiares, mas sim o exercício do afeto, o qual independe da orientação sexual.

Método

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo. A amostra foi definida por conveniência e constituída por 5 participantes, do sexo masculino, com idades entre 18 e 28 anos, que estivessem em uma relação homoafetiva estável com o mesmo parceiro há pelo menos um ano e que expressassem o desejo de adotar uma criança. Foram utilizados nomes fictícios para os entrevistados a fim de preservar suas identidades, mantendo assim o sigilo profissional. Os participantes são apresentados a seguir: Eduardo, 21 anos, estudante e mantém uma relação estável há 1 ano e seis meses; Paulo, 28 anos, técnico em enfermagem e está em uma relação estável há 1 ano e seis meses; Rafael, 20 anos,

estudante e tem uma relação há 2 anos; e Pedro, que tem 25 anos, é estudante e mantém uma relação por 1 ano.

O estudo foi analisado e autorizado sob número 0362011 pelo CEP IMED – Comitê de Ética e Pesquisa. Os participantes aceitaram participar do estudo de forma voluntária, sendo que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde foram assegurados o anonimato e a liberdade para retirar o seu consentimento de participação em qualquer momento.

Para compreender as motivações e percepções dos participantes sobre a adoção de crianças e a homoparentalidade, bem como identificar seus pensamentos e sentimentos frente à temática proposta, foi realizada uma entrevista semiestruturada. As entrevistas foram realizadas individualmente, com duração de 60 minutos aproximadamente, gravadas e posteriormente transcritas para análise. Depois de realizada a transcrição, os dados gravados foram inutilizados a fim de garantir o sigilo quanto à identidade dos entrevistados, bem como sobre o conteúdo da entrevista.

Tendo concluído o processo de coleta das informações com o público alvo deste estudo, foi realizada uma análise do material através da metodologia da Análise de Conteúdo, objetivando compreender qualitativamente as percepções individuais dos participantes da pesquisa sobre a adoção e a homoparentalidade. Ao final da pesquisa e mediante sua aprovação, foi feita uma devolução aos participantes e informado o local de acesso ao trabalho já finalizado.

Discussão dos resultados

Nesta etapa será realizada uma apresentação e discussão dos dados coletados a partir das entrevistas desenvolvidas. Para uma melhor abordagem e aprofundamento das informações coletadas foram construídas três categorias: Homoparentalidade: uma família em construção; Adoção homoparental: o caminho entre o desejo e a realização; Filhos da homoparentalidade: percepções dos futuros pais quanto ao futuro de seus filhos.

Homoparentalidade: uma família em construção

Esta categoria foi criada objetivando analisar as percepções dos entrevistados sobre o sentido e o significado que eles delegam a família, bem como sobre as funções e papéis que são desempenhados dentro no núcleo familiar, e ainda, sobre a importância das relações familiares no desenvolvimento de uma criança.

O conceito de família trazido pelos entrevistados é mencionado de uma forma dinâmica e flexível, acompanhando as mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos pois dialogam sobre uma família que continua sendo a base de tudo, porém é reconhecida pelo afeto entre seus membros. De acordo com a fala de Pedro *“Eu acho que família seja qualquer configuração de pessoas que moram juntas em um lar e tem algum vínculo afetivo que as une.”* pode-se perceber que não somente os laços consanguíneos são merecedores de importância, mas também, e, além disto, os laços afetivos são mencionados como a base para o respeito e o comprometimento

que deve existir entre pessoas que se unem a fim de conviver como uma família.

Segundo Pedrosa (2011) os novos arranjos familiares são frutos de uma considerável mudança cultural, afetada por questões sociais, tecnológicas e econômicas, que possibilitaram as pessoas uma modificação no modo de se relacionar umas com as outras, onde a mulher foi inserida no mercado de trabalho, as separações e divórcios passaram a oportunizar novas experiências amorosas, as famílias ficaram maiores quando agregados filhos de outros casamentos, e menores quando as mulheres decidiram que poderiam ter uma produção independente.

Por muito tempo a sociedade permaneceu com a visão de que tais funções deveriam ser desempenhadas de forma com que fossem divididas entre o casal de pais, no entanto, Rafael afirma que “[...] esses papéis podem ser desenvolvidos por ambas as partes, mesmo que sendo do mesmo sexo.”, o que corresponde a ideia de metamorfose familiar proposta por Amazonas e Braga (2006) que falam sobre as novas formas de parentalidade, acrescentando que os papéis maternos e paternos não precisam necessariamente estar ligados a figura feminina e masculina, ou por um homem e uma mulher, ou seja, essas funções se mostram flexíveis e maleáveis, e não mais rígidas como eram vistas antigamente.

Com base no conteúdo analisado, a homoparentalidade pode ser descrita como uma configuração familiar que tem como principal elemento constituinte o afeto e não os laços consanguíneos. Neste contexto, “ser” pai ou mãe significa antes ser uma figura cuidadora que não tem papéis fixos ou delimitados, mas sim dinâmicos, desempenhando ao mesmo tempo o cuidado e o limite, o carinho e a disciplina.

Adoção homoparental: o caminho entre o desejo e a realização

Dialogar sobre o desejo e as motivações dos casais homoafetivos em adotar uma criança é o principal objetivo desta categoria, que busca refletir sobre os significados que a adoção tem para cada um, bem como sobre o que envolve o exercício da parentalidade e as representações dos entrevistados sobre a chegada de um filho em suas vidas.

A adoção ou o ato de adotar pode ter inúmeros significados e representar diversas possibilidades, abarcando questões relacionadas à realização de um desejo pessoal, como mencionado por Pedro “Adotar significa tomar para mim como cuidado, é algo que realmente vai vir a fazer parte, porque eu adotei, eu tornei parte de mim.” Frente às novas concepções de família e as demandas que as mesmas provocam na sociedade como um todo, Paiva e Rodrigues (2009) acreditam que não existe mais um modelo de família a ser seguido, embora ainda exista um ideal de família que acabou por ser mitificado pelo tempo.

Souza (2008) acrescenta que as crianças em geral, adotadas ou não, não chegam acompanhadas de um manual de instrução, ou seja, ocorrerá um período que exigirá disponibilidade física e emocional dos casais, para que ambos reflitam sobre o que é necessário trabalhar para que se crie de forma saudável uma criança. Frente a fala dos entrevistados é possível perceber que os mesmos tem

clareza de tais modificações nas suas rotinas diárias com a chegada de uma criança e da preparação que eles deverão ter no enfrentamento desse processo.

Eles mencionam a preparação financeira como determinante na decisão de adotar, como cita Rafael “*Primeiro de tudo, condições financeiras pra supri as necessidades do filho, não é assim, só querer ter filho e pronto [...]*”. Com esta colocação vale ressaltar que o desejo de ter um filho é acompanhado por idealizações e sonhos pessoais dos casais, que vislumbram a chegada do mesmo com alegria, porém o dado de realidade do mundo contemporâneo faz com que a atitude de adotar seja pensada em suas diversas esferas, e que neste caso, a condição financeira é uma condição primeira para que o tão sonhado e esperado filho possa se tornar uma realidade.

O desejo por poder cuidar, amar, educar, compreender, dar limites, orientar e criar um filho deixa claro, mesmo que nas entrelinhas, que pessoas homoafetivas buscam a aproximação de um modelo familiar considerado “normal”, pois mesmo que os tempos estejam mudando, e as famílias se reorganizando, e se recompondo de formas distintas, o contato com o outro, o carinho e o afeto continua sendo o que norteia as relações interpessoais dos sujeitos, pois suas buscas apontam para a convivência, para o envolvimento, e não para o individualismo ou para a solidão. Quando questionado sobre como seria a chegada de um filho em sua vida, Rafael diz que “*Ter uma família é muito legal, passear no final de semana, convive todo dia junto, com os lados bons e ruins, acho que isso é vive de verdade [...]*”, o que demonstra que as pessoas, indiferentemente de raça, cor, sexo, profissão ou status social seguem em busca do encontro com o outro, ou seja, do amor no seu mais amplo sentido, pois como afirma Guerreiro (2007) cada vez mais à busca pelo par esta associada à felicidade, como o outro sendo o que lhe complementa.

A adoção e a homoafetividade começam a ser vistas como uma possibilidade, tanto pela sociedade quanto pelos casais homoafetivos, que podem desenvolver um núcleo conjugal e familiar que propicie o desenvolvimento de seus membros, desde que haja a doação deste casal para esta adoção o afeto envolto nessa relação parental pode caminhar para a qualidade de vida e o bem-estar de uma família, unida, que se respeite e que alimente esta adoção com o amor e o comprometimento entre este novo núcleo familiar.

Filhos da Homoparentalidade

A presente categoria foi criada com a intenção de refletir sobre o processo de adoção na homoparentalidade, ou seja, como os entrevistados percebem esta possibilidade enquanto homoafetivos, dialogando sobre possíveis dificuldades na criação desta nova família e sobre suas inseguranças e anseios quanto ao futuro de seus filhos no que tange a questões sociais e ao preconceito.

Algumas dúvidas sobre como será esta adoção, estão relacionadas a questões pessoais, como por exemplo, o desempenho dos papéis de “pai e mãe”, como menciona Paulo: “*[...] quem é mãe e pai? Eu acho que vai te que se criado como pais? O que tu vai te que dize pra criança é que os dois são pais [...]*”. Aqui, a dúvida parece estar

muito mais ligada ao fato de não saber como colocar isso para a criança, de que forma se posicionar diante dela do que em relação ao desempenho dos papéis parentais.

Em contrapartida, para Pedro a insegurança em relação a criação de um filho encontra-se mais relacionada ao contexto sociocultural, ele diz *“Eu não acho que seja difícil por um casal homossexual estar impossibilitado de criar, eu acho que é difícil pela realidade em que ainda a gente se encontra [...] não é nada com o casal, mas a sociedade que dificulta.”* De acordo com isso, Farias & Maia (2009) acrescentam que a sociedade apresenta um receio de que esta nova constituição familiar abale a sua estrutura, crença esta que a impossibilita de repensar possibilidades que inclusive auxiliem a inclusão e a igualdade entre os seres humanos, independente do modo como eles escolham viver, ou seja, a própria sociedade dificulta o caminho para o seu progresso e desenvolvimento como um todo.

E os filhos de homoafetivos seguirão a opção sexual dos pais? No que diz respeito à condição sexual dos pais poder influenciar a sexualidade da criança, os entrevistados dialogam com tranquilidade, relacionando suas percepções com a parentalidade heteroafetiva, levando em consideração os referenciais e a criação que eles mesmos tiveram na infância, como diz Pedro: *“O que vai influenciar essa criança é se eu vou desenvolver nela uma sexualidade saudável ou não[...]porque se isso fosse determinante não poderiam existir homossexuais, porque somos filhos de heterossexuais”*.

Sobre as preocupações referentes à sexualidade de pais e filhos adotados por homoafetivos, Farias & Maia (2009) explicam claramente que inúmeras pesquisas apontam que a orientação sexual das crianças não depende da orientação sexual dos pais, e que o importante para o seu desenvolvimento saudável são os valores que lhe serão passados. Corroborando com isso Uziel (2007) acrescenta que existe a presença de outros modelos de identificação na vida dessas crianças, que podem configurar outras fontes de referência para elas.

Frente a estas percepções é possível refletir que se existem diferenças também existem semelhanças entre a parentalidade homoafetiva e heteroafetiva, pois como diz Uziel (2007), a família homoafetiva não cria novos números, pois já existem as monoparentais, biparentais, pluriparentais; também é um sujeito protegido pela lei como qualquer outro; pesquisas também não identificam diferenças no cuidado com crianças; mediante isso, não existem motivos para tornar esta relação uma especificidade.

A parentalidade homoafetiva pode proporcionar uma significativa evolução no que tange aos direitos humanos de todos os cidadãos experimentarem o convívio familiar e a igualdade entre todos. Porém é de extrema importância que distintas áreas do conhecimento possam se unir, a fim de oportunizar a este núcleo familiar que surge, o apoio, o auxílio e o conhecimento que eles necessitam, e que inclusive sentem falta de tal orientação, para que possam vivenciar esta experiência com segurança e solidez.

Isto implicará diretamente no modo como esta criança será inserida na sociedade, e também na maneira como a sociedade receberá esta criança, pois é fundamental também que se reconstruam

conceitos até então formados, que estão mantendo a sociedade em uma homeostase que além de desnecessária é prejudicial ao desenvolvimento de qualquer ser humano que viva em padrões considerados “diferentes”.

Considerações Finais

A busca por uma família em sua completude é a grande motivação dos casais homoafetivos no que diz respeito ao seu desejo de adotar uma criança. As percepções dos entrevistados sobre as funções desempenhadas dentro do núcleo familiar são mencionadas de forma dinâmica e flexível, podendo ser desenvolvidas por ambos os companheiros, não exigindo figuras femininas ou masculinas. Desta forma o crescimento saudável de um filho criado por casais homoafetivos está diretamente associado ao investimento emocional e a disponibilidade afetiva que ambos irão direcionar a esta criança.

Sendo assim, porque pensar as relações homoafetivas como tão distantes das heteroafetivas? E as relações parentais entre ambas são de fato tão diferentes entre si? Qualquer relacionamento pode caminhar para o sucesso ou para o fracasso, para o saudável ou para o patológico, visto que o elemento humano é envolto por subjetividades distintas, e tais singularidades independem da orientação sexual dos sujeitos. O desenvolvimento destas crianças vai depender da estabilidade psíquica dos pais, e do investimento afetivo que ambos irão direcioná-la, sejam eles hetero ou homoafetivos. Pesquisas atuais apontam que o dado da condição sexual dos pais não irá prejudicar a criança, exceto o dado de realidade de que vivemos em uma sociedade homofóbica, e neste espaço é que podem surgir os efeitos mais prejudiciais ao desenvolvimento de um indivíduo, pois ele estará de frente com o preconceito.

Frente ao exposto, e por se tratar de uma composição familiar que esta envolta em um período de mudanças culturais, econômicas e ideológicas de uma sociedade que vem buscando se adaptar a novas possibilidades de relações interpessoais é crucial que sejam criados programas que ofertem apoio e esclarecimentos a essa nova ordem familiar. É fundamental que diferentes áreas do conhecimento possam investir em novas pesquisas sobre esta temática, visando à disseminação e propagação de novas informações para que estigmas e preconceitos possam ser repensados objetivando o acolhimento das pessoas em suas essências, tendo em consideração que estamos inseridos em uma sociedade que segue em constante transformação.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou a reflexão de que a homoparentalidade, enquanto nova entidade familiar tem suas dúvidas e anseios ímpares, pois de fato tem suas singularidades, porém é importante que tais singularidades não sejam vistas como deficiências, mas como uma diferença entre várias outras, como raças, etnias, idades e classes que compõem uma sociedade de múltiplas facetas.

Referências Bibliográficas

- Amazonas, M. C. L. A., & Braga, M. G. R. (2006) Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. [online]. [acessado em 02 de outubro de 2011]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982006000200002&lng=pt&nrm=iso>
- Dias, M. B. Famílias homoafetivas. (2007). [online]. [acessado em 12 de julho de 2011]. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n03art02_dias.pdf>
- Farias, M. O., & Maia, A. C. B. (2009) Adoção por homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica. Curitiba: Juruá Editora.
- Guerreiro, F. M. M. (2007). A família homoafetiva e os principais desafios. [online]. [acessado em 05 de agosto de 2011]. Disponível em: <http://www.direitohomoafetivo.com.br/uploads_trabalho_tese/a_familia_homoafetiva_e_os_principais_-_ftima_guerreiro_-_verso_ibdfam.pdf>
- Machado, M. D. C. (2005). Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. [online]. [acessado em 11 de abril de 2011]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26891.pdf>>
- Passos, M. C. (2005) Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. [online]. [acessado em 17 de junho de 2011]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200003>
- Pedrosa, H. R. V. (2011). A adoção por pares homoafetivos. [online]. [acessado em 16 de setembro de 2011]. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/19975/a-adoacao-por-pares-homoafetivos>>
- Perroni, S., & Costa, M. I. M. (2008). Psicologia Clínica e homoparentalidade: desafios contemporâneos. [online]. [acessado em 04 de maio de 2011]. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Perroni-Costa_46.pdf>
- Prata, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Maringá: Psicologia em estudo.
- Sánchez, F. L. (2009). Homoparentalidade e família: novas estruturas. Porto Alegre: Artmed.
- Souza, H. P. (2008). Adoção: exercício de fertilidade afetiva. São Paulo: Paulinas.
- Souza, R. M., Ramirez, V. R. (2006). Amor, casamento, família, divórcio, e depois... segundo as crianças. São Paulo: Summus.
- Torres, A. F. (2009). Adoção nas relações homoparentais. São Paulo: Atlas.
- Uziel, A. P. (2007). Homossexualidade e adoção. Rio de Janeiro: Garamond.

<i>Recebido em:</i>	25/03/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	07/06/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	21/06/2013
<i>Aprovado em:</i>	25/06/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira